

Nietzsche na filosofia atual: o eterno retorno como acontecimento do pensar*

Estela Beatriz Barrenechea

A filosofia, tal como eu tenho entendido e vivido até este momento, é a investigação voluntária dos aspectos mais detestados e infames da existência. (*Fragmentos Póstumos* – primavera/verão de 1888, 16 (32)).

A tomada de posição da filosofia nietzschiana canaliza-se em um pensamento da imanência que se distingue, com seu postulado fundamental da *morte de Deus*, das linhas transcendentistas da filosofia ocidental.

A assimilação de que *Deus está morto* (Za/ZA, Prólogo, § 2) nos abre o vazio sem fundo da eternidade na vida mesma. Não há mais garantias, nem fundamentos. Não há Deus que dê conta da identidade do *eu*, nem *sujeito* estático do conhecimento. Efetivamente, *eu* não sou o mesmo *eu* de um momento ao outro.

* Tradução Vânia Dutra de Azeredo.

Nietzsche, em sua “investigação voluntária dos diferentes aspectos da existência, mesmo os mais detestados e infames, vive, como ele mesmo diz, uma *filosofia experimental*, no espaço da qual faz uma afirmação dionisiaca do mundo tal como ele é” (cf. *Fragmentos Póstumos* – primavera/verão de 1888, 16 (32)). Sua fórmula *amor fati* implica “querer o círculo eterno: as mesmas coisas, a mesma lógica e idêntico ilogismo do encadeamento” (*Fragmentos Póstumos* – primavera/verão de 1888, 16 (32)).

O pensamento do Eterno Retorno implica a afirmação da necessidade: “Retornar ao que vem a ser; necessidade vivida e por reviver”.

A perspectiva de uma *filosofia experimental* torna evidente por que o pensamento do Eterno Retorno aparece a Nietzsche na forma “de uma certa tonalidade da alma” (*Fragmentos Póstumos* – primavera/verão de 1888, 16 (32)).

A partir desta intensa experiência, o pensamento desprende-se do eu que o pensa, fazendo com que o eu caia novamente no *esquecimento* que é justamente aquilo que oculta na vida o eterno vir a ser. No instante fugaz, quando vivo a experiência do Eterno Retorno, deixo de ser eu mesmo (*hic et nunc*) e sou suscetível de vir a ser inumeráveis outros, até que caio novamente no *esquecimento*.

Esta experiência do eu conecta-se com a *memória*, mas com uma memória que se encontra fora dos limites de uma consciência atual. Se minha consciência atual é *esquecimento*, que oculta o eterno vir a ser e absorve todas as identidades no eu, a *memória*, ao contrário, dá-se no instante de minha renúncia ao meu eu atual. Mas ainda suprimindo minha identidade, sei que tornará a cair no *esquecimento* como parte da lei do círculo vicioso. O *esquecimento* do Eterno Retorno implica a sua verdade.

O pensamento do Eterno Retorno é um pensamento supremo que vem acompanhado de um sentimento elevado que nos impulsiona a viver, desejamos reviver porque necessariamente reviveremos.

Este estado de ânimo encontra-se com a ambição suprema da espécie humana: a eternidade. O tempo como fugacidade detém-se. Como disse o Fausto de Goethe: “instante fugaz, detenha-se, *és belo*”.

Encontramo-nos com uma nova dimensão do pensamento, com um entrelaçamento conceptual cuidado até o extremo e que nos leva a uma visão estética do mundo como fenômeno artístico, mas também com um dispositivo ético enunciado na regra que manifesta o Eterno Retorno: “aquilo que queres, queira-o de tal maneira, que queiras também o seu Eterno Retorno” (cf. *Fragmentos Póstumos* – primavera/outono de 1881, 11 (161), (163))

Com a *morte de Deus* perdeu-se o *princípio de identidade*, que garantia um Eu idêntico a si mesmo assim como a realização de todas as identidades, em vista disso, nos abrimos à multiplicidade infinita.

O eu como intensidade em si tem um destino: intervir, selecionar, valorar.

O eu absorve os infinitos eus.

É, por isso, que o filósofo Nietzsche pode dizer “Sou no fundo todos os nomes da história” (Carta a Burckhardt, 6 de janeiro de 1889).

Se bem que, na vertigem do Círculo Vicioso, o combate entre *esquecimento/memória* é eterno *para aquele a quem* a Verdade revela-se na necessidade do Retorno como *enunciação ética*, “age como se fosse reviver e desejasse reviver inumeráveis vezes, porque terás que eternamente viver e recomeçar” (*Fragmentos Póstumos* – primavera/outono de 1881, 11 (163)). Não se restabelecerá o *esquecimento*, pois com o Eterno Retorno caio em amnésia e me inteiro que sou outro ao saber que não sou o mesmo eu.

Fazer do eterno retorno um pensamento comunicável obrigamos a penetrar na temática da significação e do sentido. Se o sentido é tudo aquilo que está fora para uma consciência idêntica a si

mesma, está, pois, em regiões silenciosas, para além das proposições de uma lógica da identidade, então uma nova maneira de abordagem do sentido adquire transcendência, já que o Eterno Retorno é *acontecimento* criador de sentido.

Como o Retorno liga-se ao fortuito e aos avatares azarosos da existência, o pensamento do Eterno Retorno fica ligado ao azar. Zaratustra afirma todo o azar, o fatal e necessário “amor fati” faz com que os *acontecimentos* que dão sentido à vida estejam sujeitos ao poder criador e inventivo do homem assim como estão sujeitos também ao poder azaroso dos contextos histórico-culturais.

O pensamento de Nietzsche é fundador e genealógico. Os velhos conceitos tornam-se novos frente à invenção de categorias ousadas em sua obra.

A invenção do conceito de Eterno Retorno carrega as palavras de sentidos ao tratar-se de invenções afirmativas que potencializam a Vontade de Potência.

Nietzsche diz que “a essência verdadeira das coisas é uma invenção do Ser que se representa as coisas, sem esta invenção o Ser não poderia representar-se nada. No meu entender esta enunciação faz surgir o problema da Verdade e de sua designação. (cf. WL/VM, § 1-2)

O circuito de signos e designações múltiplas manifesta, quando saímos de uma lógica da identidade, a incoerência na qual caem o eu e o mundo no contexto dos signos cotidianos.

Se pensamos o Círculo Vicioso que define o Eterno Retorno e que por sua vez indica o poder de todo pensamento, advertimos que *retornar* ao que vem a ser marca o sentido do círculo.

No Círculo, a vontade morre contemplando esse *retornar* no vir a ser, para renascer quando se manifesta uma discordância com o círculo.

Com a discordância as cadeias de cativo do círculo são rompidas.

A discordância rompe as cadeias de cativeiro do círculo. A partir desse rompimento, processa-se a volta a querer o querido e o reconhecimento da vontade de seleção como Vontade de Potência em toda a sua capacidade criadora. Esta Vontade supõe em seu percurso o caudal abrumador de todas as experiências possíveis, de todas as felicidades e sofrimentos possíveis. Nesse percurso, ela entra no jogo de azar que de uma vez e para sempre jogou os dados de uma vida, mas que, por sua vez, permite sortear cada vez que valoramos e selecionamos.

A Vontade de Potência em Nietzsche excede a vontade consciente do agente e o modifica. É este excesso que fala para além de todo o sujeito de conhecimento.

Como não advertir que a filosofia nietzschiana é disparadora de novos conceitos que revolucionam e imprimem força à filosofia atual?

Como não pensar em conceitos tais como inconsciente, significativo, acontecimento, lógica do sentido, diferença, repetição, campos de subjetivação, desejo, Verdade (como produção de sentido), a priori histórico - cultural e muitos outros que conformam as ferramentas imprescindíveis para afrontar o grave e pensar analítica e criticamente nossa época?

Se Deus está morto, a espécie humana tem capturado com seu pensamento a multiplicidade condensada no Uno de Deus e enfrenta-se com a infinitude do pensamento àquilo que não perece no trajeto de uma vida.

O homem apresenta-se na imortalidade do pensamento (as épocas histórico- culturais sucedem-se, porém a Vida como fenômeno de Arte mantém-se).

Este pensar imanente rompe com toda filosofia da transcendência e faz do pensar o caminho necessário para produzir Verdade.

Verdade é o que vem a ser, produto da multiplicidade e do azar dos encontros, invenção afirmativa que potencializa a Vontade de Potência. O homem do Eterno Retorno aposta na criação.

Barrenechea, E.B.

A memória dos tempos vividos joga azarosamente com o *esquecimento* justamente para dar lugar à *memória dos tempos* para quem conhece do Eterno Retorno o valor singular, valor que se faz universal na criação, pois recria-se eternamente a si mesmo.